



O futebol na China: do *cuju* (蹴鞠) ao sonho de se tornar uma potência mundial

Emanuel Leite Júnior¹
Carlos Rodrigues²

¹Graduado em Direito pela UNICAP e em Comunicação Social, pela UNINASSAU. Doutorando em Políticas Públicas pela UA - Portugal. E-mail: emanuel.leite.junior@ua.pt.

²Professor Auxiliar, Diretor do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território. Diretor do Mestrado em Estudos Chineses da UA - Portugal. E-mail: cjose@ua.pt.

Soccer in China: from
cuju (蹴鞠) to the
dream of becoming a
world power

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74092>

Resumo:

De acordo com a FIFA, a origem histórica do futebol se encontra na China Antiga, na prática do *cuju* (蹴鞠), que remonta à Dinastia Han (206AC – 220DC) e foi bastante popular durante a Dinastia Song (960–1279). Prática que foi perdida, provavelmente, no período da Dinastia Qing (Século 17). O futebol moderno, codificado na Inglaterra em 1863, chegaria ao país em 1879. Ao longo do Século 20, apesar de algumas tentativas, a China foi incapaz de obter sucesso neste esporte. Agora, o país tem um ambicioso sonho. Quer se tornar potência do futebol mundial até 2050. Para isso, lançou em 2016 o “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)”. Este artigo apresenta a evolução histórica do futebol na China e questiona o que motiva os chineses na busca da concretização deste audacioso Plano.

Palavras-chave: futebol; china; história; *cuju*; plano de desenvolvimento.

Abstract:

According to FIFA, the historical origin of football lies in Ancient China and in the practice of *cuju* (蹴鞠), dating back to the times of the Han Dynasty (206 BC – 220 AC) and being quite popular during the Song Dynasty (960–1279). It is believed that it was during the Qing Dynasty, in the 17th century, that football stopped being practiced in China. Modern football, codified in England in 1863, reappears in China in 1879. Throughout the 20th Century, despite some attempts, China was unable to succeed in this sport. Now the country has an ambitious dream. China wants to become a world superpower by 2050. To this end, in 2016, it was launched the "The football development plan in the medium and long term (2016-2050)". This article presents the historical evolution of football in China and questions what motivates the Chinese in the pursuit of this audacious Plan.

Key words: football; china; history; *cuju*; development plan.

Introdução

De acordo com a FIFA, a origem histórica do futebol se encontra na China Antiga, na prática do *cuju* (蹴鞠) (SIMONS, 2008, p. 46). Um jogo de “chutar bola” que remonta à Dinastia Han (206AC – 220DC) e foi bastante popular durante a Dinastia Song (960–1279), mas que deixou de ser praticado, provavelmente, por volta do Século 17, no período da Dinastia Qing (CHUNJIANG, 2008, p. 37).

Dois séculos depois, o futebol retornaria ao “Reino do Meio”. Porém, já em sua versão moderna, seguindo as regras da codificação ocorrida na Inglaterra em 1863. O futebol moderno entraria no país através de Hong Kong, que foi colonizado pelos britânicos depois da Guerra do Ópio (1839-1842). Como aconteceu um pouco por vários lugares do mundo, soldados, comerciantes e missionários britânicos jogavam bola e a população local começou a se interessar, passando a jogar com os estrangeiros. Foi assim que o futebol, a partir de Hong Kong, chegou a Xangai, Pequim e outras cidades chinesas (HONG; MANGAN, 2003; JINXIA; MANGAN, 2001). O primeiro jogo de futebol em território chinês, sob a regras da Federação Inglesa (FA), aconteceu em 1879, na cidade de Xangai (SIMONS, 2008, p. 157).

Em 1887, foi fundado o Xangai Football Club e 10 anos depois, em 1907, surgiu uma liga também em Xangai (SIMONS, 2008, p. 157). A Associação Chinesa de Futebol viria a ser estabelecida em 1924 pelo governo nacionalista (SIMONS, 2008, p. 158). A instabilidade política vivida pela China na primeira metade do Século 20 (o país foi invadido pelo Japão e depois de se livrar do domínio japonês entrou em uma guerra civil que só chegaria ao fim em 1949, com o triunfo dos Comunistas), prejudicou o desenvolvimento do futebol chinês (JINXIA; MANGAN, 2001; SIMONS, 2008, p. 159).

Com o estabelecimento da República Popular da China, em 1949, o futebol viveria uma nova era. Isto porque os líderes chineses entendiam que o esporte moderno deveria representar a imagem de uma China moderna e o futebol era visto como o principal símbolo desta modernidade, uma expressão de atualidade (JINXIA; MANGAN, 2001).

Entretanto, o futebol jamais obteve o mesmo sucesso que a China alcançou nos Jogos Olímpicos depois de sua estratégia olímpica, implementada a partir dos anos 1980 (HONG; ZHOUXIANG, 2012e) e cujo ápice ocorreu nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, ocasião em que a delegação da China conquistou ficou no lugar mais alto do pódio de medalhas de ouro. Nem mesmo depois do processo de profissionalização do futebol, já nos anos 1990 e na sequência da grande reforma econômica pela qual passou o país naquele período.

Sob a liderança de Deng Xiaoping, a China entrou na era do “socialismo de mercado” (CHEN. et al., 2017; GONG; CORTESE, 2017) e o sistema do esporte de elite chinês passou por uma profunda reestruturação para se adequar à nova realidade (HONG; ZHOUXIANG, 2013; JINXIA; MANGAN, 2001). O futebol foi o pioneiro. Assim, em 1994, surgiu o primeiro campeonato profissional do país. A competição experimentou um breve período de popularidade, porém enfrentou diversas adversidades (HONG; ZHOUXIANG, 2013).

Ao fim dos Jogos Olímpicos de 2008, o então presidente chinês Hu Jintao se mostrou empenhado em fazer da China uma potência do esporte mundial, determinando que ações fossem tomadas para que o “Reino do Meio” passasse de “um país de acontecimentos esportivos importantes para uma potência esportiva mundial”. No ano seguinte, Xi Jinping, na ocasião ainda vice-presidente do país, expressou a determinação do Estado em desenvolver o futebol (TAN et al., 2016).

Xi Jinping, agora presidente do país, é reconhecidamente um fã do esporte bretão. E o atual líder chinês tem “três sonhos da Copa do Mundo”: participar da Copa do Mundo; sediar a Copa do Mundo e ser campeão do mundo de futebol (TAN et al., 2016).

Contudo, não é simplesmente por conta dos “três sonhos da Copa do Mundo” de seu presidente que a China lançou seu audacioso projeto para o futebol. A estratégia chinesa busca aumentar a demanda dos cidadãos por atividades físicas, desenvolver a indústria desportiva e promover o rejuvenescimento do país (CHINA’S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION, 2016).

Como já foi dito, a estratégia olímpica foi bem-sucedida, mas no futebol a China segue sendo um coadjuvante. Em seu plano de médio-longo prazo para o desenvolvimento do futebol, o Estado chinês coloca o esporte mais popular do planeta no eixo central de uma estratégia de mercado, vendo no futebol a mola propulsora para o crescimento de toda a indústria desportiva do país.

Para atingir estes objetivos e transformar a China na futura potência do futebol mundial, o governo chinês lançou em abril de 2016 o ambicioso “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)” (中国足球中长期发展规划 [2016—2050年]).

O plano chinês tem objetivos econômicos, políticos e sócio-culturais. Afinal, o esporte de alta competição tem a capacidade de reafirmar a identidade nacional, ao mesmo tempo em que pode ser utilizado como ferramenta de promoção da imagem do país – tanto na busca da aceitação internacional (ALLISON; MONNINGTON, 2002), como no estabelecimento de relações internacionais, através do chamado ‘soft power’ (BRENTIN; TREGOURES, 2016; GIULIANOTTI, 2015; SAMUEL-AZRAN et al., 2016).

Por isso, este artigo busca compreender até que ponto, na busca por este sonho de ser tornar potência do futebol mundial, qual é o papel do Estado chinês no fomento de políticas públicas do esporte, especificamente no futebol, com o objetivo de reforçar a identidade nacional e promover a imagem do país com fins geopolíticos (soft power).

Cuju (蹴鞠)

O sociólogo Richard Giulianotti preconiza que “para explorar a história social do futebol, devemos começar discutindo as origens do jogo” (GIULIANOTTI, 2010, p. 15). O pesquisador britânico observa, ainda, que há diversos registros históricos de formas “primitivas” do futebol e acrescenta que “as dúvidas sobre a semelhança desses jogos ao esporte que conhecemos hoje continuam” (GIULIANOTTI, 2010, p. 15). Porém, dentre estas “variantes do futebol primitivo”, Giulianotti acredita que é a China que tem o “mais convincente argumento para a mais antiga história do futebol” (GIULIANOTTI, 2010, p. 15). Este “argumento” se chama *Cuju* (蹴鞠).

Cuju (蹴鞠), significa literalmente “chutar bola”, e remonta aos tempos da Dinastia Han (206 AC – 220 DC). Reza a lenda que o *cuju* foi criado por Huangdi, o “Imperador Amarelo”, considerado ancestral de todos os chineses da etnia Han. Segundo a estória, após derrotar as tropas das tribos vindas do Sul, comandadas por Chiyou, Huangdi teria arrancado o estômago de Chiyou, enchido com palha, fazendo uma bola, e dado aos seus soldados para que chutassem (CHUNJIANG, 2008, p. 31). Liu Bang (刘邦 256 AC – 195 DC), o emperador fundador da Dinastia Han, era um grande fã do *cuju*. Assistir ao *cuju* era, aliás, não só o passatempo favorito dos emperadores Han, mas também uma prática bastante popular tanto entre as elites, quanto no povo.

Havia duas formas de se praticar o *cuju*: performance e competição. Na primeira, o praticante se exibia chutando a bola e fazendo uma performance acompanhado de música. Já a segunda maneira, tinha seis jogadores de cada lado e o campo tinha seis buracos (“espaços da bola”), que eram protegidos pelos defensores, pois o objetivo do jogo era chutar a bola para dentro de um dos buracos (CHUNJIANG, 2008, p. 32).

Durante a Dinastia Han, as bolas eram “exóticas esferas de brocado de seda”, preenchidas com penas ou cabelo (SIMONS, 2008, p. 46). Séculos depois, uma inovação faria com que o *cuju* se popularizasse ainda mais. Foi nos tempos da Dinastia Tang (618-907), “quando um empreendedor recheou a bola de seda do jogo com uma bexiga inflada” (SIMONS, 2008, p. 47). Também durante a Dinastia Tang o jogo passou a ser disputado com um único gol, em que cada time ficava de um lado do gol e ganhava a partida aquele que marcasse mais gols (CHUNJIANG, 2008, p. 33).

Registros históricos demonstram que o *cuju* também era muito popular no período da Dinastia Song (960–1279), a era mais avançada tecnologicamente na China Antiga. É desta época a criação do primeiro clube de *cuju* (SIMONS, 2008, p. 48). A nobreza, a família imperial e mesmo dois imperadores da Dinastia Song praticavam o *cuju*. Nesta altura, havia 40 formas de produzir uma bola (CHUNJIANG, 2008, p. 35).

Não há como precisar quando o *cuju* deixou de ser praticado na China. Acredita-se que tenha sido durante a Dinastia Qing, após a ocupação da China por parte dos Manchus. Eles tentaram fazer uma forma adaptada de *cuju* no gelo e a dificuldade de praticar esta variante do esporte fez com que, com o passar do tempo, ele deixasse de ser jogado (CHUNJIANG, 2008, p. 37).

Como foi dito anteriormente, Giulianotti acredita que o *cuju* dá à China o “mais convincente argumento para a mais antiga história do futebol” (GIULIANOTTI, 2010, p. 15).

Um argumento referendado pela FIFA, que reconheceu oficialmente o *cuju* como a origem primitiva do futebol em 2004. A cidade de Zebo, distrito de Linzi, na província de Shandong, passou a ser considerada o berço histórico do futebol.

O futebol moderno chega à China

Após o desaparecimento do *cuju* durante a Dinastia Qing, o futebol somente ressurgiria na China no Século 19, já em sua versão moderna, sob as codificações da Federação Inglesa (FA). Hong Kong, território ocupado pelos ingleses após a Primeira Guerra do Ópio (1839-1842), seria a porta de entrada desta versão do esporte. De Hong Kong o futebol chegaria a Xangai, Pequim e outros lugares (JINXIA; MANGAN, 2001). Segundo Simons, o primeiro jogo de futebol moderno que se tem registro na China ocorreu em 1879, em partida que envolveu o Xangai Athletic Club e o Engineers XI (SIMONS, 2008, p. 157).

Em 1887, seria fundado o Xangai Football Club, uma reunião de times amadores daquela cidade, que em 1907 ganharia a primeira liga dedicada ao futebol (SIMONS, 2008, p. 157). No início do Século 20, o futebol se espalharia por várias cidades chinesas, com ligas surgindo principalmente em cidades litorâneas – o que se compreende, uma vez que as relações comerciais, mais do que os vínculos imperiais, serviram de meio de propagação do futebol pelo mundo e na China não foi diferente (GIULIANOTTI, 2010, p. 21). Foi assim que Tianjin, Qindao e Guangzhou, por exemplo, viram surgir seus primeiros clubes e suas ligas de futebol (SIMONS, 2008, p. 158).

Percebendo a expansão do futebol no país, principalmente por intermédio de estrangeiros, mas havendo cada vez mais adesão de chineses, o governo nacionalista decidiu estabelecer a Associação Chinesa de Futebol em 1924 (SIMONS, 2008, p. 158).

A difusão do futebol, contudo, seguia limitada a um círculo restrito da população chinesa. Era um jogo basicamente da classe média, de estudantes universitários e de escolas secundaristas (JINXIA; MANGAN, 2001; SIMONS, 2008, p. 159), além de empresários que tinham relações comerciais “com os portos controlados por tratados estrangeiros” (SIMONS, 2008, p. 159).

Entretanto, o desenvolvimento do futebol na China, na primeira metade do Século 20, seria prejudicado pela instabilidade política vivida no país. A guerra civil entre Comunistas e Nacionalistas foi deflagrada em 1927, sendo interrompida apenas em 1937, na altura da invasão japonesa. Seguiram-se oito anos de luta contra os invasores japoneses. Quando os chineses expulsaram as tropas do Japão do país, logo depois foi retomada guerra civil, que só se encerraria em 1949, com o triunfo dos Comunistas. Estes conflitos afetaram, evidentemente, a prática do futebol na China, uma vez que, com o país em constantes batalhas, o futebol não firmou raízes junto entre o povo (JINXIA; MANGAN, 2001; SIMONS, 2008, p. 159).

A proclamação da República Popular da China, em 1º de outubro de 1949, inauguraria uma nova etapa na evolução do futebol no país. Como veremos na próxima seção.

O futebol na República Popular da China

Após o triunfo sobre o Partido Nacionalista (KMT), em 1949, o Partido Comunista pôs fim à guerra civil e estabeleceu, como dito anteriormente, a República Popular da China (RPC). No dia 1º de outubro, quando foi estabelecida a nova república chinesa, houve uma partida de futebol comemorativa. Como dito na introdução, o futebol era visto como um símbolo de modernidade e o novo governo pretendia que os esportes modernos caracterizassem a China. Não foi por acaso, portanto, que vários membros do Partido Comunista e do governo da RPC tenham marcado presença no jogo festivo. E já em 1951 foi organizada a primeira competição nacional de futebol (GINEPRINI, 2016, p. 25; JINXIA; MANGAN, 2001).

Desde a implementação da RPC, o governo chinês tem utilizado os esportes para suas relações internacionais. A começar pela “sovietização do esporte” do país nos anos 1950 (fundamental no estabelecimento dos contatos com a União Soviética e os países do Leste Europeu); passando, no período pós-rompimento das relações sino-soviéticas, pelos Jogos das Novas Forças Emergentes (GANEF0) – através do GANEF0 a China visava reforçar sua liderança no Terceiro Mundo, como alternativa às potências dos Estados Unidos e União Soviética; pela “diplomacia do pingue-pongue” (que permitiu a reaproximação com os Estados Unidos em um período de tensão nas relações sino-soviéticas); até a estratégia olímpica e a busca pela glória nos Jogos Olímpicos (HONG; ZHOUXIANG, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d), para citar alguns exemplos.

Como referenciado acima, os esportes na China serviram de instrumento político e social. Nos primeiros anos da RPC, houve de imediato o que ficou conhecido como a “sovietização do esporte”. Em fevereiro de 1950, ou seja, poucos meses depois do estabelecimento da RPC, foi assinado o “Tratado de Amizade, Aliança e Assistência Mútua Sino-Soviético”. A China tinha a União Soviética como o país comunista mais desenvolvido e, portanto, um modelo para o seu desenvolvimento.

Por essa razão, nos anos 1950, após visita de delegação chinesa a Moscou, o então Ministro do Esporte He Long, que havia liderado a viagem, deu palestra em seu país sobre como o modelo soviético para o esporte representava uma grande força na construção da sociedade comunista. Argumentando que a China deveria aprender com o exemplo da União Soviética, adotou-se a filosofia soviética dos esportes, dividindo-os em dois grandes setores: de massa (a prática desportiva como forma de treinar as massas para serem saudáveis e aptas para a defesa do país e para o trabalho) e de elite planejado para formar atletas para as grandes competições internacionais. A sovietização do esporte chinês teve papel fundamental no estabelecimento dos contatos e das relações da RPC não apenas com a União Soviética, mas também com os países do Leste Europeu (HONG; ZHOUXIANG, 2012a).

O futebol não esteve alheio a esse processo pelo qual passou o esporte no país. Como mencionado anteriormente, já em 1951, no mês de dezembro daquele ano, houve a primeira edição do Campeonato Nacional de Futebol, realizado em Tianjin, contando com a participação de oito times: seis representando as maiores áreas administrativas (Sul, Norte, Leste, Oeste, Nordeste e Noroeste), além dos times do exército e da associação ferroviária (GINEPRINI, 2016, p. 25; JINXIA; MANGAN, 2001). Em 1952, criou-se a Comissão Nacional do Esporte, órgão do Estado responsável pela formulação e execução de políticas relacionadas ao desporto (JINXIA; MANGAN, 2001).

A sovietação do esporte chinês, conforme dito anteriormente, também serviu para o estabelecimento de relações diplomáticas e trocas de experiências culturais com países comunistas. A Hungria, campeã olímpica em 1952, enviou especialistas à China para darem palestras sobre futebol e sua seleção também visitou o país para fazer alguns jogos de exibição (JINXIA; MANGAN, 2001). Em 1954, ano em que os “Mágicos Magiares” foram vice-campeões do Mundo, uma delegação de 25 jogadores chineses foi para a Hungria, em um intercâmbio de treinos que durou um ano e meio (HONG; ZHOUXIANG, 2012a; JINXIA; MANGAN, 2001).

Em 1958, havia 154 clubes de futebol no sistema nacional de competição e a seleção chinesa disputou 65 jogos internacionais, vencendo 30, empatando 16 e perdendo 19 (JINXIA; MANGAN, 2001). A Revolução Cultural (1966-1976), entretanto, representou uma regressão em todos os esportes de alto rendimento. Convencido de que Liu Shaoqi, então presidente da RPC e seu sucessor na liderança no Partido Comunista, havia implementado medidas revisionistas e capitalistas, Mao Tsé-Tung decidiu que o Partido deveria salvaguardar a revolução, expurgando todas as práticas revisionistas em todas as esferas. O esporte não escapou. Para o líder do Partido Comunista, o Ministro do Esporte He Long, próximo a Liu Shaoqi, havia adotado a ideologia burguesa nos esportes. Por isso, o Ministério do Esporte se tornou um escritório do quartel-general do exército. Oficiais e soldados do Exército Popular de Libertação substituíram os responsáveis pela administração dos esportes. 47 equipes de futebol provinciais deixaram de existir, 1124 jogadores e 115 treinadores tiveram que trabalhar em fábricas ou lojas (HONG; ZHOUXIANG, 2012b; JINXIA; MANGAN, 2001).

Em 1979, já sob a liderança de Deng Xiaoping, a China voltou aos organismos internacionais de esportes, como o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Federação Internacional de Futebol (FIFA) (HONG; ZHOUXIANG, 2012e; JINXIA; MANGAN, 2001). O país havia rompido com COI, FIFA e outras nove federações internacionais em agosto de 1958, na sequência da questão das “duas Chinas”, por não aceitar o reconhecimento de Taiwan como China Formosa (HONG; ZHOUXIANG, 2012a).

Assim que retornou ao Comitê Olímpico Internacional em 1979, a China estabeleceu uma “estratégia olímpica”, que foi implementada a partir dos anos 1980 (HONG; ZHOUXIANG, 2012e). Introduzida pelo Ministério do Esporte, a estratégia foi aprofundada nos anos 1990 e 2000, após os maus resultados nos Jogos de Seul (1988), quando houve a implementação do sistema de esporte de alta competição que os chineses denominaram ‘Juguo Tizhi’ (举国体制), em mandarim, que em português significa ‘todo o país apoia o

esporte de alta competição'. Este sistema visou canalizar o máximo de recursos possível para os Jogos Olímpicos. O governo chinês, por sinal, sempre fez questão de enfatizar a importância política do sucesso do projeto olímpico do país (HONG; ZHOUXIANG, 2012f).

O futebol também passou por reformas nos anos 1980, mas a mais significativa de todas aconteceria nos anos 1990. Após a sua reabertura para o mundo, no fim dos anos 1970, a China passou por diversas transformações até a implementação da chamada "economia socialista de mercado", ou "socialismo de mercado" em 1992 (CHEN et al., 2017; GONG; CORTESE, 2017). O futebol foi o primeiro esporte a passar por uma reforma que adaptasse sua estrutura organizacional ao "socialismo de mercado" (HONG; ZHOUXIANG, 2013; JINXIA; MANGAN, 2001). E isso aconteceu logo depois que a seleção nacional fracassou em se classificar para os Jogos Olímpicos de 1992.

Na esteira desta reforma, em 1994, surgiu o primeiro campeonato profissional do país. Foi criada uma liga de futebol com duas divisões, Jia A e Jia B. A competição experimentou um breve período de sucesso comercial (inclusive com contratos com multinacionais estrangeiras que patrocinavam o campeonato) e também de popularidade – a média de público chegou a ultrapassar a casa dos 20 mil espectadores.

A liga chinesa, porém, enfrentou diversas adversidades. Principalmente os sucessivos escândalos de corrupção e esquemas de jogos com resultados viciados. As denúncias partiram inicialmente do jornal Shenyang Evening Post e logo repercutiram em grandes jornais de todo o país (HONG; ZHOUXIANG, 2013). Isso fez com que a credibilidade da competição se esvaísse, fazendo com que patrocinadores e os espectadores perdessem interesse. As autoridades chinesas entrevistaram, prenderam dirigentes, jogadores e árbitros envolvidos nos escândalos. Em 2002, foi iniciada uma nova reforma e em 2004 criou-se a Super Liga Chinesa. Porém, entre 2009 e 2010 eclodiram novos casos de apostas e subornos, minando a credibilidade da competição. Após várias tentativas frustradas de combate às fraudes no futebol, o ano de 2011 é apontado como o paradigma de uma nova fase do futebol profissional do país (HONG; ZHOUXIANG, 2013; JINXIA; MANGAN, 2001).

Em meio às questões internas da organização do futebol nacional, a seleção chinesa disputou sua primeira Copa do Mundo em 2002. Perdeu para Costa Rica (2x0), Brasil (4x0) e Turquia (3x0), voltando para casa sem ter marcado um único gol. Portanto, em que pese ter sido o primeiro desporto a ser profissionalizado na China, e de seu desenvolvimento nos últimos anos, o futebol chinês tem representado não só uma decepção, como por vezes expõe o sentimento do orgulho nacional a vexames como a derrota por 5 a 1 para a Tailândia, em seu próprio território, em junho de 2013 (GIULIANOTTI, 2015; HONG; ZHOUXIANG, 2013; TAN et al., 2016).

Por essa razão, o governo chinês resolveu apostar em mais uma grande reforma de reestruturação de toda estrutura do futebol do país, lançando, em 2016, o audacioso plano de desenvolvimento.

O ambicioso plano de desenvolvimento

O plano de desenvolvimento do futebol (中国足球中长期发展规划 [2016—

2050年]) apresenta uma estratégia de política pública formulada e implementada pelo Governo Chinês com abrangência que vai desde o sistema educacional (aumento da carga horária de educação física nas escolas, com ênfase no futebol), passando pelo estímulo à prática do futebol como questão de saúde pública (visando o bem-estar físico e mental dos jovens, bem como o fortalecimento da qualidade física das massas), a promoção de intercâmbio cultural e diplomático com outras nações, até o objetivo de fazer do futebol a mola propulsora do desenvolvimento de toda a indústria desportiva do país, para que esta se torne um setor relevante na economia nacional, ajudando a que o país continue a crescer e prosperar. Além, claro, da principal ambição de todas que é ver a China se sagrar campeã do mundo e se consolidar como uma das maiores potências do cenário mundial (CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION, 2016).

Para isso, o plano, originalmente, estabelecia-se em três etapas:

- Até 2020: 20 mil escolas especializadas em futebol, 70 mil campos de futebol, entre 30 a 50 milhões de estudantes do ensino básico e secundário praticando o desporto.
- Até 2030: 50 mil escolas especializadas em futebol, a seleção chinesa masculina ser uma das melhores da Ásia, e a seleção feminina estabelecida como de “classe mundial”.
- Até 2050: seleção de primeiro escalão no futebol mundial (masculino), no top-20 do ranking da FIFA, tendo sediado e vencido uma Copa do Mundo.

Já em 2017, o Diário do Povo (人民日报), jornal oficial do Partido Comunista Chinês, publicou que as autoridades do desporto da China haviam alterado as metas originais. Uma mudança ainda mais ambiciosa. Ao invés de se esperar até 2030 para que existam 50 mil escolas especializadas em futebol, o objetivo é que essa marca esteja alcançada já em 2025 (PEOPLE'S DAILY, 2017).

Na visão chinesa, essa seria uma forma de auxiliar o desenvolvimento da economia, sociedade e cultura. No aspecto econômico, por exemplo, um dos objetivos é que em cinco anos a indústria desportiva do país gere US\$ 460 bilhões (THE STATE COUNCIL, 2016) e que em 2025 chegue a valores que rondem US\$ 813 bilhões (NIELSEN SPORTS, 2016). A título comparativo, de acordo com estimativa da Plunkett Research, a indústria desportiva mundial movimentou cerca de US\$ 1,5 trilhão em 2015, sendo US\$ 498,4 bilhões apenas nos Estados Unidos. (PLUNKETT RESEARCH, 2016). Ou seja, os chineses pretendem, em cinco anos, possuir uma indústria desportiva que se aproxime do tamanho atual do mercado dos Estados Unidos.

O sonho chinês e de seu presidente Xi Jinping também se inserem em estratégias geopolíticas do país, como o próprio plano atesta, ao se referir a relações diplomáticas e intercâmbio cultural. Em 2008, após sediar os Jogos Olímpicos de Pequim, a China acredita que foi capaz de mostrar ao mundo o seu desenvolvimento e que conseguiu se colocar como

uma potência mundial: econômica e desportiva. “A imagem de uma nação altamente moderna, eficiente e crescentemente próspera”, (GIULIANOTTI, 2015).

Inclusive, em relação aos Jogos Olímpicos de 2008 em Pequim e o contexto geopolítico, é curioso notar que Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, países emergentes, que após o crescimento econômico nos anos 2000 estabeleceram o grupo que ficou conhecido por seu acrônimo em inglês BRICS, consolidando o (re)posicionamento desses países no cenário econômico global, especialmente no que diz respeito à influência geopolítica, sediaram megaeventos esportivos.

Ou seja, o reposicionamento destes países também se verificou no contexto geopolítico desportivo. Pequim, a capital chinesa, recebeu os Jogos Olímpicos de Verão em 2008 e vai organizar os Jogos de Inverno em 2022. A Índia promoveu os Jogos da Commonwealth em 2010 (Deli). No mesmo ano, a África do Sul se tornou o primeiro país africano a sediar a Copa do Mundo FIFA. Em um período de dois anos, o Brasil teve em seu território os dois maiores megaeventos desportivos do planeta: Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos de Verão 2016 (Rio de Janeiro). A Rússia, por fim, organizou os Jogos Olímpicos de Inverno 2014 (Sochi) e vai receber a próxima edição da Copa do Mundo FIFA, em 2018.

Não se trata de uma coincidência, nem muito menos de algo fruto do acaso. Apesar de reconhecidos como forças emergentes no cenário econômico mundial, esses países viram no esporte, principalmente na organização de megaeventos esportivos, a oportunidade de demonstrar de forma mais evidente não apenas pujança econômica, mas, também, de projetarem a nível mundial outra estatura perante a comunidade global. Um novo contexto na estrutura hierárquica da geopolítica desportiva como uma possibilidade de se firmarem como potências na arena internacional. (ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR; PIKE, 2013; CORNELISSEN, 2010; GRIX; LEE, 2013).

É neste sentido que nos parece se inserir este ambicioso plano de desenvolvimento chinês e o sonho de se tornar potência do futebol mundial.

Futebol e soft power

O esporte de alta competição há muito que tem sido usado como uma ferramenta ideológica. Por essa razão, tem servido aos interesses políticos, tornando-se, assim, uma importante arena para políticas públicas (KORNEEVA; OGURTSOV, 2016). O uso político do esporte, como visto em seção anterior deste artigo, não é uma novidade na China. Desde a proclamação da República Popular da China, o Estado chinês recorreu, em diversas ocasiões, ao esporte como um instrumento político.

No entendimento de Giulianotti (2015), os “megaeventos esportivos podem ser considerados uma das mais poderosas manifestações contemporâneas da globalização”. Isto porque, segundo este sociólogo, os megaeventos esportivos têm reflexos nas esferas econômica, social e política. Em termos econômicos, Giulianotti alude às cifras bilionárias

envolvidas nestes torneios e a possibilidade de as cidades e países que sediam os eventos poderem “se vender”. No que tange à questão social, o pesquisador recorda que estas competições são acompanhadas por bilhões de pessoas em todo o planeta. Por fim, o aspecto político, uma vez que “estes eventos atraem políticos de todo o mundo, particularmente nas cerimônias de abertura” (GIULIANOTTI, 2015). Por essa razão, a organização de megaeventos esportivos podem servir como instrumento de ‘soft power’ (GIULIANOTTI, 2015; KORNEEVA; OGURTSOV, 2016; MANGAN; OK; KWAK, 2013).

‘Soft power’ é um conceito introduzido por Joseph Nye, que, ao descrever as relações de poder, definiu que “poder é a habilidade de influenciar as outras pessoas para se conseguir os resultados que se deseja, o que pode ser feito através da coerção, do pagamento ou da atração” (NYE, 2012). Em contraponto ao “poder duro”, que se caracterizaria pela coerção (força militar) ou do pagamento (força econômica), haveria o ‘soft power’ (“poder brando”). “Um país pode obter os resultados que deseja na política internacional porque outros países – admirando seus valores, emulando seu exemplo e aspirando ao seu nível de prosperidade – vai querer segui-lo” (NYE, 2004). E na literatura alguns autores têm abordado a relação do esporte com o ‘soft power’ (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2015; BRANNAGAN; ROOKWOOD, 2016; CHARI, 2015; CHEN; COLAPINTO; LUO, 2012; DELGADO, 2016; GIULIANOTTI, 2015; GRIX; LEE, 2013; KORNEEVA; OGURTSOV, 2016; KRZYZANIAK, 2016).

O Qatar é um bom exemplo do recurso ao futebol como instrumento de 'soft power'. Desde o dia 2 de dezembro de 2010, quando conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo FIFA 2022, aquele emirado tem estado no centro das atenções do futebol mundial. A candidatura catari se inseriu dentro de um plano estratégico do país que tem no desporto e nos megaeventos desportivos o principal elemento para mudar sua imagem perante a opinião pública internacional (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2015; BRANNAGAN; ROOKWOOD, 2016; REICHE, 2014). Segundo analistas, mais do que fazer do país uma referência desportiva, a intenção das autoridades do Qatar é dissociar a imagem do emirado da ideia de ser um estado financiador do terrorismo (SAMUEL-AZRAN et al., 2016).

Entretanto, o exercício do ‘soft power’ no esporte não ocorre apenas na organização dos megaeventos esportivos. Ao aliar os mecanismos de ‘soft power’ com as técnicas de marketing para criar uma marca (“branding”) de uma nação e assim mudar a visão da opinião pública internacional - “nation branding” (KRZYZANIAK, 2016). No mesmo sentido, Freeman (2012) explica que as nações utilizam esse recurso como forma de construir e gerir suas reputações, acrescenta, ainda, que essa é uma forma de ‘diplomacia pública suave’, que serve para os estados não apenas para os estados se tornarem atrativos para os estrangeiros como também para os seus cidadãos.

O Qatar é, novamente, um bom exemplo de caso de recurso ao ‘nation branding’ como forma de soft power. Primeiro através da Fundação do Qatar e atualmente por intermédio da Qatar Airways (uma empresa estatal, detida em sua integralidade pelo Fundo Soberano do Qatar), patrocina o Barcelona, um dos mais emblemáticos clubes do mundo. Em 2011, a Autoridade de Investimento do Qatar comprou o Paris Saint-Germain

(KRZYZANIAK, 2016). Basta ver a repercussão internacional da contratação de Neymar, que ocorreu justamente em um período que o Qatar sofreu o corte das relações diplomáticas dos vizinhos Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito e Bahrein.

Fazer da China uma potência do futebol mundial pode ser uma boa maneira de promover a imagem do país, e enquanto tenta cumprir este objetivo audacioso o Estado chinês encontra no esporte mais popular do mundo um recurso para criar ou estreitar laços diplomáticos e/ou comerciais com outras nações.

Identidade e orgulho nacional

Hobsbawm escreveu que “a imaginária comunidade de milhões, parece mais real na forma de um time de onze pessoas com um nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação” (HOBBSAWM, 1991, p. 171). Como observa Duerr (2016), o historiador recorre ao termo de Benedict Anderson – “comunidade imaginária” – para fundamentar que a ideia de que as pessoas que vivem em um mesmo país estão ligadas umas às outras, mesmo sem nunca se conhecerem, se torna mais latente quando a seleção nacional de futebol entra em campo. Em outra obra, Hobsbawm volta a ressaltar o que considera poder catalisador do futebol. “Praticamente desde que adquiriu um público de massa, esse esporte [futebol] tem sido o catalisador de duas formas de identificação grupal: a local (com o clube) e a nacional (com a seleção nacional, composta com os jogadores dos clubes)” (HOBBSAWM, 2007, p. 92).

Nesse sentido, corrobora Freeman (2012), quando diz que megaeventos esportivos como a Copa do Mundo FIFA têm vários elementos de rituais nacionalistas, como a execução dos hinos nacionais ou quando um jogador beija o escudo da seleção nacional ao comemorar um gol.

Isto nos ajuda a compreender o que levou nove milhões de holandeses, então cerca de 60% da população da Holanda, às ruas em uma noite de terça-feira, em 21 de junho de 1988. A maior celebração popular desde a libertação da Alemanha em 1945 aconteceu justamente após uma vitória da seleção holandesa de futebol por 2 a 1 sobre a seleção alemã, na meia-final da UEFA Euro 1988. O triunfo, em solo alemão, fez com que milhões de jovens – a geração que sequer sofreu com a invasão alemã foi mais efusiva do que aquela que viveu o tenebroso período da guerra – gritassem nas vias públicas – “nós pegamos nossas bicicletas de volta” (as tropas alemãs confiscavam as bicicletas durante a ocupação à Holanda) (WARD, 2009).

Quem também trata da importância do futebol na formação da identidade nacional é o antropólogo Roberto DaMatta. Ao comparar o Brasil com países europeus e os Estados Unidos, DaMatta observa que estes tinham como fontes de identidade social instituições consolidadas como a constituição, a história política, a ordem financeira, o sistema universitário, ao passo que o Brasil, na ausência de estruturas políticas e social, formou sua identidade a partir de fontes secundárias, como carnaval, samba, religiosidade e futebol (como citado em LOVISOLO; SOARES, 2011).

Outros autores, como Cha (2016), reforçam a ideia de que o esporte tem sido usado na construção da identidade nacional. E este autor dá como exemplo da seleção olímpica das Alemanhas unificadas, que nos Jogos de 1956, 1960 e 1964, apesar de todas as diferenças e do clima da Guerra Fria, disputaram as competições sob a mesma bandeira. Alemanha, por sinal, que utilizou a Copa do Mundo FIFA 2006 para mudar a imagem negativa, por conta das duas guerras mundiais e do Holocausto, perante do mundo, ao mesmo tempo em que experimentou um eufórico sentimento de nacionalismo (KERSTING, 2007; SAMUEL-AZRAN et al., 2016; WARD, 2009).

Não é por acaso, portanto, que em seu “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)” o Estado chinês ressalte que o “futebol é um esporte de influência mundial” e que “a realização do sonho de se tornar uma potência do futebol” seria uma demonstração inequívoca do “grandioso rejuvenescimento da nação chinesa” e um motivo de “orgulho nacional” (CHINA’S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION, 2016, p. 3).

Para Giulianotti “o futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que forma e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro” (GIULIANOTTI, 2010, p. 42). Foi o caso da seleção de futebol do Kosovo. Ao entrar em campo pela primeira vez, no dia 5 de março de 2014, para um jogo amigável com a seleção do Haiti, a sensação que seu povo teve foi de como se, finalmente, a sua nação estivesse reconhecida. E foi precisamente o futebol que deu aos kosovares o senso de reconhecimento internacional à sua identidade nacional (BRENTIN; TREGOURES, 2016).

Sentimento que se coaduna com a proposta chinesa, que diz pretender “revitalizar e desenvolver o futebol” por ser “uma ardente expectativa do povo”, e acrescenta que isso ocorre porque este desenvolvimento “cultiva nas pessoas saúde física e psicológica e excelente cultura” (CHINA’S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION, 2016, p. 1).

Estado e mercado

Desde o lançamento do plano de desenvolvimento do futebol, grandes conglomerados chineses como Alibaba, Dalian Wanda Group, Jiangsu Suning e Fosun, para citar apenas alguns exemplos, têm investido tanto no mercado nacional, como no exterior (CHADWICK; WIDDOP; PARNEL, 2017; CHADWICK; WIDDOP; PARNELL, 2016).

Clubes como os gigantes italianos AC Milan e Internazionale ou o tradicional Aston Villa (sete vezes campeão inglês e detentor de um título europeu) agora pertencem a grupos chineses. 13% do Manchester City, clube inglês de propriedade da Abu Dhabi United Group, foram adquiridos pela China Media Capital.

No mercado interno, as contratações de jogadores estrangeiros, com valores de transferências muitas vezes bastante inflacionados e salários elevadíssimos, foram o que

mais chamaram a atenção. De repente a Super Liga Chinesa passou a estar no centro das atenções do futebol mundial.

Foram precisamente os elevados investimentos em contratações de jogadores estrangeiros, principalmente no mercado europeu, que espantaram o mundo do futebol. De acordo com o relatório da Transfer Matchings Systems/FIFA de 2017, os clubes chineses haviam gasto US\$ 168,3 milhões em transferências em 2015, o que representava 10,3% a mais do que os gastos de todos os outros clubes da Confederação Asiática de Futebol (AFC) juntos. Em 2016, os gastos saltaram para US\$ 451,3 milhões (168,2% a mais do que no ano anterior), o correspondente a 344,4% a mais do que todo o restante da Ásia. Com esses números, passou do 20º lugar que ocupava em 2013 no ranking de gastos de transferências para a quinta posição em 2016 (FIFA/TMS, 2017). Somente no mercado de transferências do inverno de 2017 foram gastos 388 milhões de euros (US\$ 411 milhões).

Em dois momentos distintos, entretanto, o governo chinês interveio, com o objetivo de controlar os gastos que considera excessivos por parte, principalmente, dos clubes da Super Liga Chinesa.

Em janeiro de 2017, a Administração Geral do Desporto da China, acusando os clubes de “queimarem dinheiro e pagarem salários muito elevados a jogadores estrangeiros”, manifestou sua intenção de limitar os gastos dos clubes profissionais (CHADWICK, 2017). Logo a seguir, a Associação Chinesa de Futebol mudou o regulamento do limite de jogadores estrangeiros por time. Ao invés da regra de 3+1 (três estrangeiros mais um asiático) por jogo, passou a apenas três estrangeiros em cada partida (independentemente da nacionalidade), além da obrigação de escalar um chinês sub-23 no 11 titular (WILSON, 2017). Já em maio de 2017, a CFA publicou a implementação de um imposto que recai sobre o valor de transferência de jogadores estrangeiros: 100% sobre o valor que pagar pelo atleta.

A janela de transferências do verão de 2017 – a primeira sob a vigência do novo imposto – corroborou a expectativa de refreamento dos clubes chineses no mercado internacional. O que se viu foram transferências no mercado interno e, no que tange a jogadores estrangeiros, vários retornos de empréstimos.

Entretanto, na janela de transferências do inverno de 2018, que se encerrou recentemente, o Dalian Yifang contratou o argentino Nicolas Gaitán e o belga Yannick Carrasco ao Atlético de Madrid, além do português José Fonte, que atuava no West Ham. O Dalian foi adquirido há pouco tempo pelo bilionário Wang Jianlin, proprietário do Wanda Group. Os valores das transferências não foram revelados, mas certamente não se comparam ao que o Shanghai SIPG pagou pelos brasileiros Hulk (45 milhões de euros) e Oscar (60 milhões de euros).

Ou seja, as intervenções do estado chinês tiveram efeitos no cenário do mercado interno do futebol no país. Essas intervenções governamentais demonstram, também, a preocupação que o Estado tem como sua estratégia para o futebol. Tentar fazer com que os clubes profissionais se tornem rentáveis, promover a integração de jovens jogadores nacionais nas equipes são medidas que visam fomentar o desenvolvimento das categorias de base e, assim, a formação de novas gerações de atletas.

Conclusão

Como vimos neste artigo, o recente “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)” (中国足球中长期发展规划 [2016—2050年]) não é a primeira tentativa da China em se colocar no primeiro plano internacional do esporte mais popular do planeta. A diferença, entretanto, é que desta vez, pelo que foi exposto, as autoridades públicas do país têm demonstrado um empenho ainda maior para que seus objetivos sejam alcançados.

O *cuju* (蹴鞠), reconhecido pela FIFA em 2004 como a origem do futebol, foi praticado na China desde os tempos antes de Cristo até o século 17, passando pelas Dinastias Han, Tang, Song e Qing. Porém, esta prática desapareceu com a chegada dos Manchus ao país.

A forma moderna do jogo, o futebol como o conhecemos nos dias atuais, chegou à China no Século 19, através de Hong Kong, tendo o primeiro jogo sido realizado em Xangai em 1879. A história do futebol no “Reino do Meio”, contudo, tem sido marcada por várias adversidades. Quando começou a se popularizar no início do Século 20, vieram a guerra civil, a invasão japonesa e novamente a guerra civil. Quando voltava a se expandir nos primeiros anos da República Popular, veio a Revolução Cultural, que fez com que todos os esportes de alta competição regredissem.

Ao contrário dos esportes olímpicos, que, com a estratégia olímpica implementada nos anos 1980, prosperou e fez da China uma potência mundial, o futebol não evoluiu. A profissionalização e comercialização do futebol, na esteira das reformas do “socialismo de mercado”, que culminou com a criação da liga profissional em 1994, em um primeiro momento foi bem sucedida, com multinacionais internacionais patrocinando a competição e média de público acima dos 20 mil torcedores. Porém, escândalos de corrupção e combinações de resultados, por exemplo, minaram a credibilidade da competição. A partir de 2011, a Super Liga Chinesa passou ser vista com uma imagem mais positiva, reconquistando a confiança de investidores e dos torcedores.

Mas, no país em que 237 milhões de pessoas afirmam que o futebol é o seu esporte favorito (SCHMIDT, 2018), é evidente que há um potencial enorme para o desenvolvimento. Em abril de 2016, o governo chinês lançou um Plano com objetivos a médio e longo prazo, visando a transformar o futebol do país em uma potência mundial até 2050.

Neste artigo, analisamos alguns aspectos deste Plano, procurando questionar os interesses que sustentam o “sonho chinês” do futebol. Vimos que as aspirações geopolíticas e o futebol como instrumento de soft power podem nos ajudar a compreender o porquê da China estar investindo tanto no futebol e ter implementado uma política pública específica para este fim. Bem como o reforço da identidade e orgulho nacional. Tudo isso, claro, contando com a iniciativa privada, mas sem que o Estado deixe de monitorar e intervir quando acha necessário impor limites, para que seu Plano seja executado conforme

idealizado.

Entendemos que o contributo deste artigo se encontra precisamente no fato de analisar não apenas a estratégia chinesa para o futebol sob uma perspectiva diferente, mas o próprio futebol em si e suas conexões com a política, geopolítica, cultura e economia. Tendo consciência de que não se trata de um tema esgotado, principalmente tendo em consideração que o Plano chinês tem como meta final o ano de 2050.

Artigo recebido em 09 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 11 mai. 2018.

Referências

ALLISON, L.; MONNINGTON, T. "Sport, Prestige and International Relations". *Government and Opposition*, v. 37, n. 1, p. 106–134, jan. 2002.

ALMEIDA, B. S. DE; MARCHI JÚNIOR, W.; PIKE, E. "The 2016 Olympic and Paralympic Games and Brazil's soft power." *Contemporary Social Science*, v. 9, n. 2, p. 271–283, 2013.

BRANNAGAN, P. M.; GIULIANOTTI, R. "Soft power and soft disempowerment : Qatar , global sport and football ' s 2022 World Cup finals." *Leisure Studies*, v. 34, n. 6, p. 703–719, 2015.

BRANNAGAN, P. M.; ROOKWOOD, J. "Sports mega-events, soft power and soft disempowerment: international supporters' perspectives on Qatar's acquisition of the 2022 FIFA World Cup finals." *International Journal of Sport Policy*, v. 8, n. 2, p. 1–16, 2016.

BRENTIN, D.; TREGOURES, L. "Entering Through the Sport's Door? Kosovo's Sport Diplomatic Endeavours Towards International Recognition." *Diplomacy & Statecraft*, v. 27, n. 2, p. 360–378, 2016.

CHA, V. "Role of Sport in International Relations: National Rebirth and Renewal." *Asian*

Economic Policy Review, v. 11, n. 1, p. 139–155, 2016.

CHADWICK, S. *A rap on the knuckles, but no burst bubble*. Disponível em: <<http://www.policyforum.net/rap-knuckles-no-burst-bubble/>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

CHADWICK, S.; WIDDOP, P.; PARNEL, D. *A feast for wolves*. Disponível em: <<http://www.policyforum.net/a-feast-for-wolves/>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

CHADWICK, S.; WIDDOP, P.; PARNELL, D. *The guanxi of football*. Disponível em: <<http://www.policyforum.net/the-guanxi-of-football/>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

CHARI, T. "Discursive Constructions of the Germany-Brazil Semi-Final Match During the Fifa 2014 World Cup: the Limits of Football As a Soft Power Resource." *Communicatio-South African Journal for Communication Theory and Research*, v. 41, n. 4, p. 405–422, 2015.

CHEN, C. C.; COLAPINTO, C.; LUO, Q. "The 2008 Beijing Olympics opening ceremony: Visual insights into China's soft power." *Visual Studies*, v. 27, n. 2, p. 188–195, 2012.

CHEN, X. et al. "Who provides the capital for Chinese growth : the public or the private sector ?" *Applied Economics*, v. 49, n. 23, p. 2238–2252, 2017.

CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION. Medium and Long-Term Plan of Chinese Football Development. [s.l: s.n.].

CHUNJIANG, F. *Origins of Chinese Sports*. 1. ed. Singapura: Asiapac Books, 2008.

CORNELISSEN, S. "The Geopolitics of Global Aspiration: Sport Mega-events and Emerging Powers." *The International Journal of the History of Sport*, v. 27, n. 16–18, p. 3008–3025, 2010.

DELGADO, D. R. L. "Opening Ceremonies of International Sports Events: The Other Face of Chinese Soft Power." *The International Journal of the History of Sport*, v. 33, n. 5, p. 1–17, 2016.

DUERR, G. M. E. "Civic integration or ethnic segregation? Models of ethnic and civic nationalism in club football/soccer." *Soccer & Society*, p. 1–14, 31 mar. 2016.

FIFA/TMS. *Global Transfer Market Report 2017*. [s.l.: s.n.].

FREEMAN, K. "Sport as swaggering: utilizing sport as soft power." *Sport in Society*, v. 15, n. 9, p. 1260–1274, 2012.

GINEPRINI, N. *Il Sogno Cinese: storia ed economia del calcio in Cina*. 1. ed. [s.l.] Urbone Publishing, 2016.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GIULIANOTTI, R. "The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power." *European Review*, v. 23, n. 2, p. 286–296, 2015.

GONG, X.; CORTESE, C. "A socialist market economy with Chinese characteristics: The accounting annual report of China Mobile." *Accounting Forum*, v. 1978, n. August 2016, p. 1–15, 2017.

GRIX, J.; LEE, D. "Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction." *Global Society*, v. 27, n. 4, p. 37–41, 2013.

HOBBSAWM, E. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1991.

HOBBSAWM, E. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HONG, F.; MANGAN, J. A. "Will the "Iron Roses" Bloom Forever? Women's Football in China: Changes and Challenges." *Soccer & Society*, v. 4, n. 2/3, p. 47–66, 2003.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "Representing the new China and the sovietisation of chinese sport (1949-1962)." *International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 1–29, 2012a.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "Sport in the Great Proletarian Cultural Revolution (1966-1976)." *International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 53–73, 2012b.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "China, the Asian Games and Asian politics (1974-2006)." *International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 98–112, 2012c.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "China's sports policy and politics in the post-Beijing Olympics era." *International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 184–189, 2012d.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "Sports and politics in the 1980s: The Olympic strategy." *The International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 74–97, 2012e.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "From Barcelona to Athens (1992-2004): "Juguo Tizhi" and China's quest for global power and Olympic glory." *The International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 1, p. 113–131, 2012f.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "The Professionalisation and Commercialisation of Football in China (1993–2013)." *The International Journal of the History of Sport*, v. 30, n. 14, p. 1637–1654, 2013.

JINXIA, D.; MANGAN, J. A. "Football in the new China: political statement, entrepreneurial enticement and patriotic passion." *Soccer & Society*, v. 2, n. 3, p. 79–100, 2001.

KERSTING, N. "Sport and national identity: A comparison of the 2006 and 2010 FIFA World Cups™." *Politikon*, v. 34, n. 3, p. 277–293, 2007.

KORNEEVA, V. A.; OGURTSOV, E. S. "The Politicization of Sports as a Soft Power Public Resource." *Indian Journal of Science and Technology*, v. 9, n. 29, 2016.

KRZYZANIAK, J. S. "The soft power strategy of soccer sponsorships." *Soccer & Society*, v. 970, n. January, p. 0, 2016.

LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. "Futebol: construção histórica do estilo nacional." In: HELAL, R. (Ed.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

p. 33–51.

MANGAN, J. A.; OK, G.; KWAK, Y. M. *East Reflects on West, East Meets West!: South Korean Media Responses to London 2012* *The International Journal of the History of Sport Taylor & Francis*, 2013. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2013.842902>>

NIELSEN SPORTS. *China and Football*. [s.l.: s.n.].

NYE, J. S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. 1. ed. New York: PublicAffairs, 2004.

NYE, J. S. "China and soft power." *South African Journal of International Affairs*, v. 19, n. 2, p. 151–155, 2012.

PEOPLE'S DAILY. *China to build 50,000 football schools by 2025*. Disponível em: <<http://en.people.cn/n3/2017/0222/c90000-9181128.html>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

PLUNKETT RESEARCH. *Plunkett Research Sports Industry*. Disponível em: <<https://www.plunkettresearch.com/statistics/sports-industry/>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

REICHE, D. "Investing in sporting success as a domestic and foreign policy tool: the case of Qatar." *International Journal of Sport Policy and Politics*, v. 6940, n. April 2015, p. 1–16, 2014.

SAMUEL-AZRAN, T. et al. "Promoting terror or sport? The case of Qatar's international image." *American Behavioral Scientist*, v. 60, n. 9, p. 1101–1115, 2016.

SCHMIDT, S. L. *Who is the Chinese soccer consumer and why do Chinese watch soccer?* Disponível em: <<https://cpianalysis.org/2018/03/02/who-is-the-chinese-soccer-consumer-and-why-do-chinese-watch-soccer/>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

SIMONS, R. *Traves de bambu: como a China aprendeu a amar o futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TAN, T.-C. et al. "Xi Jin-Ping's World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World

Sports Power." *The International Journal of the History of Sport*, v. 3367, n. November, p. 1–17, 2016.

THE STATE COUNCIL. *Chinese sports industry aims to reach \$460b in 5-year plan*. Disponível em: <http://english.gov.cn/state_council/ministries/2016/05/05/content_281475342468190.htm>. Acesso em: 24 nov. 2016.

WARD, T. "Sport and national identity." *Soccer & Society*, v. 10, n. 5, p. 518–531, 2009.

WILSON, C. *Chinese FA over-ruled by government as foreign player limit abruptly cut to three*. Disponível em: <<https://wildeastfootball.net/2017/01/chinese-fa-over-ruled-by-government-as-foreign-player-limit-abruptly-cut-to-three/>>. Acesso em: 22 jan. 2017.